

folhas:

*percurso de experimentação e
criação de um livro-objeto*

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU

**O LIVRO PARA A INFÂNCIA:
TEXTOS, IMAGENS, MATERIALIDADES**

A CASA TOMBADA • FACON

ORIENTADORA: Profa. Ms. Camila Feltre

AUTORA: Fernanda Ozilak Nunes da Silva

SÃO PAULO, JUNHO DE 2018

EDIÇÃO REVISADA PELA AUTORA APÓS APRESENTAÇÃO PARA A BANCA

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora e amiga Camila Feltre por toda generosidade e cuidado nesses meses de processo. Também à minha querida amiga e colega Gabriela Ribeiro, que me acompanhou e ajudou na realização deste trabalho.

Às contribuições que recebi de algumas das pessoas que mais amo ao meu projeto final: minha mãe, minha irmã Luiza, meu namorado Luiz e minhas amigas Heloisa, Stephani e Pamela. Sou grata também pela força me dão diariamente.

Às colegas de curso, que me acompanharam durante todo caminho, deixando-o ainda mais belo e fascinante.

À Cristiane Rogério e Giuliano Tierno, que me acolheram n'A Casa fazendo que eu realmente me sinta em casa.

À Casa Tombada, que me deu um propósito na vida quando mais precisei.

Finalmente, à minha irmã Renata, que se estivesse aqui com certeza estaria me apoiando nessa jornada.

RESUMO

Este relato de experiência pretende descrever o desenvolvimento de pesquisa e experimentações com diferentes papéis e materiais diversos para explorar suas propriedades táteis e sensoriais.

Neste trabalho é documentado todo o processo, que foi desde a criação de pequenos experimentos para explorar a potencialidade dos materiais até o desenvolvimento de uma narrativa que emprega a materialidade como elemento essencial para sua compreensão. A metodologia empregada no desenvolvimento do projeto final tem base naquela descrita por Bruno Munari em sua obra “Das coisas nascem coisas” (originalmente publicada em italiano em 1961).

É discutida também a importância desse contato com o objeto livro durante a infância como processo de exploração do mundo, bem como as possibilidades que a utilização de materiais especiais trazem para o universo do livro ilustrado.

Palavras-chave: livro-objeto, livro para a infância, experimentação, papéis, materiais, processo criativo.

ABSTRACT

This Experience Report aims to describe the development of research and the experimentation with different kinds of paper and diverse materials to explore its tactile and sensorial properties.

In this work, the entire process is documented, from the creation of small experiments to explore the potentiality of materials to the development of a narrative that uses materiality as an essential element for its understanding. The methodology used in the development of the final project is based on the one described by Bruno Munari in his work “One thing leads to another” (originally published in Italian in 1961).

The importance of this contact with the book-object during childhood as a process of exploration of the world is also discussed, as well as the possibilities that the use of special materials brings to the universe of the illustrated book.

Keywords: book-object, children’s books, experimentation, papers, materials, creative process.

SUMÁRIO

1.	Introdução	9
2.	Sobre o início do trabalho: disciplina	11
3.	Experimentação	13
3.1.	Conversa com Bruno Munari	13
3.2.	Experimentos durante a disciplina	14
4.	Definição do tema do trabalho	23
4.1.	Experimento: olhar	21
4.2.	Experimento: série lã	22
4.3.	Acariciando o gatinho	24
5.	Experimento final: Folhas	25
5.1.	Percurso: dentro do livro	27
5.2.	Escolha do nome “Folhas”	34
5.3.	Sobre a encadernação	34
5.4.	Ficha técnica	35
6.	Considerações finais	37
	Referências Bibliográficas	39

1. INTRODUÇÃO

Meu interesse pelos livros ilustrados me acompanha desde criança, penso eu que nunca “superei” o encanto que tive por eles quando pequena. Minha mãe me cercou de arte durante meu crescimento, então foi natural que minhas irmãs e eu desenvolvêssemos paixão pelo assunto.

Esse interesse continuou durante a escola, faculdade e depois de formada ainda gostaria de, quem sabe, ilustrar um livro um dia. Durante minha graduação - que foi em Design - segui com interesse alguns autores e cheguei a fazer alguns breves cursos sobre o tema. Meu trabalho de conclusão de curso foi o desenvolvimento do livro “A Arca de Noé”, de Vinícius de Moraes, orientado pela Profa. Dra. Clíce de Toledo Sanjar Mazzilli. Ilustrei e fiz o projeto gráfico, acompanhado por pesquisa sobre o tema e suas edições anteriores.

Já graduada, busquei com interesse lugares em que eu poderia aprender cada vez mais sobre livros ilustrados e entrar em contato com as pessoas do meio. Fiz workshops, frequentei palestras e foi assim que cheguei n’A Casa Tombada.

A ideia para o desenvolvimento desse trabalho surgiu com base na disciplina “O objeto Livro”, ministrada pela Profa. Ms. Camila Feltre em 2017 durante as aulas da pós-graduação.

2. SOBRE O INÍCIO DO TRABALHO: DISCIPLINA

Na disciplina, já no primeiro encontro, a professora propôs o exercício de experimentação do objeto livro através da manipulação e criação com materiais que as alunas trouxeram para a Casa Tombada. No comunicado que recebemos logo antes do início do curso estavam as seguintes sugestões de materiais que poderíamos levar para o primeiro encontro: pedaços de tecidos, diferentes tipos de papéis, fitas adesivas, lãs, cartão postal, mapas, carimbos, etc. Com a ementa entregue por e-mail antes do início do módulo, não sabíamos exatamente para o que iríamos usar materiais. Sabíamos somente que seria um exercício com o “objeto livro”.

Ao chegarmos na primeira aula, tivemos uma introdução sobre como seria o curso, quais tópicos a serem abordados. Já nesse primeiro encontro, tocamos no conceito do livro de artista, sua importância dentro da história dos livros - sejam eles focados no público infantil, com intenções lúdicas, ou para manifestar/ser um trabalho artístico. Nisso foi citada a poesia visual e a concreta, tópicos que foram abordados com maior profundidade no decorrer do módulo.

Após uma breve introdução aos assuntos a serem tratados em aula, fomos para a área/pátio que fica atrás d’a Casa, onde estava uma grande mesa comprida e cadeiras. No ateliê, que fica perto desse espaço, as alunas levaram seus materiais que trouxeram para a aula e deixamos disponíveis para quem quisesse compartilhar. Também havia materiais que a própria professora trouxe e aqueles que já faziam parte do ateliê.

Foi sugerido que experimentássemos os materiais que estavam à nossa frente da maneira que quiséssemos. Poderíamos usá-los para fazer nosso livro... mas, o que é o livro? Era justamente essa questão que estávamos lá para tentar solucionar (ou não) com essa atividade - que seria desenvolvida durante toda a disciplina, em paralelo às aulas.

Já nesse primeiro contato foram surgindo propostas interessantes das alunas, que questionavam se aquilo que estavam desenvolvendo eram de fato livros. Havia uma enorme quantidade de papéis, e isso me chamou a atenção num primeiro momento.

Uma característica minha é que eu tenho muita dificuldade para criar em workshops/ aulas com duração pré-determinada. Essa é uma ansiedade que nada tem a ver com o trabalho em questão, e que me ocorre em praticamente todas atividades dessa natureza das quais já participei. Olhava para os lados e via muita coisa já sendo feita, e eu não tinha nada em mãos - foi daí que fui falar com a Camila para ter alguma “luz”. Mais uma vez de frente à minha “trava”, ela me tranquilizou e reiterou que esse seria apenas um primeiro contato com os materiais, que não era esperado que saíssemos de lá com algum material pronto desse encontro.

Durante o restante do encontro, veio à minha cabeça uma ideia pouco nítida sobre o que eu gostaria de fazer. Mexendo com os papéis coloridos e tesoura, pensei em fazer algo que fosse de fato sequencial (com as páginas todas ligadas em um único volume) e que necessitaria de encadernação. Fiquei muito tempo pensando nisso, cortei papelão para fazer uma capa dura para esse material - em retrospecto, penso que perdi bastante tempo com essa preocupação, que poderia ser solucionada vendo alguns tutoriais na internet, mas isso faz parte do meu processo: eu “fujo” da criação a qualquer custo nessa fase inicial, fico pensando em burocracias e “rodeando” o problema a ser enfrentado. Já posso adiantar que a encadernação no final não ficou como o desejado, mas para um exercício sem compromisso com a perfeição cumpriu seu papel de proteção e estruturação do material e despertou em mim o interesse sobre a arte da encadernação de livros.

Após uma breve conclusão no final da aula, nos comprometemos a desenvolvê-lo melhor em horário fora de aula, para termos mais tempo para criar e podermos ter aulas expositivas, visto que muito já foi feito no campo do livro como objeto e havia bastante teoria a ser exposta durante a disciplina.

Comecei a mexer nos papéis pensando no que poderia ser feito com eles, usando suas possibilidades enquanto materiais e também como elementos narrativos. Nesse exercício em si não quis fazer uma única “história”, pois acredito que nesse momento particular do processo poderia ter atrasado a entrega e, de certa forma, limitado minhas possibilidades de criação. Sem o compromisso de desenvolver uma história “tradicional” - se é que podemos chamar assim uma narrativa na qual suas personagens, o local da ação e conteúdo podem ser identificados sem maiores dificuldades pelo leitor comum - pude experimentar o papel de maneira mais “pura”, pelo próprio prazer de manipulá-lo e explorar novas possibilidades.

Considero que em grande parte desse exercício eu brinquei com o papel, o que me gerou grande prazer. Foi um dos melhores trabalhos que já fiz durante minha vida acadêmica - e esse também seria um dos motivos pelos quais eu gostaria de expandir esse exercício - uma vez que ele não se encerrou em si, abrindo novos olhares para a explorar o livro. Maiores explicações e fotos sobre o exercício estão na seção sobre o desenvolvimento do experimento.

3. EXPERIMENTAÇÃO

3.1. Conversa com Bruno

Para pessoas do meio do universo do livro ilustrado e do livro para a criança, é possível notar a semelhança dos meus experimentos (expostos nas próximas seções) com aquele que Bruno Munari realizou na produção de seus “Livros Ilegíveis”¹. Bruno Munari (1907-1998) foi reconhecido mundialmente por seu trabalho nos campos das artes, arquitetura e design. Produziu diversos livros, objetos, brinquedos e jogos com foco na infância.

Munari revolucionou a maneira como vemos os livros: colocou em foco o livro enquanto objeto, não somente como um veículo de informação escrita ou ilustrada, mas como parte integrante na construção de sentido de uma narrativa. Em sua obra “Das Coisas Nascem Coisas” (2002), publicada originalmente em italiano em 1981, Munari faz o relato de seu experimento com o “livro ilegível”, e nele diz:

“O objetivo dessa experimentação foi verificar se é possível utilizar como linguagem visual o material com que se faz um livro (excluindo o texto). O problema, portanto, é: livro como objeto, independentemente das palavras impressas, pode comunicar alguma coisa, em termos visuais e táteis? O quê?” (MUNARI, 2002, p. 211)

Na década de 1950, Munari teve dificuldade para encontrar livros que tivessem a sua

¹ Em 1949, Bruno Munari começa uma série de “Livros Ilegíveis” (Libri Illeggibili, em italiano), nos quais explora a potencialidade do livro comunicar sem que nele houvesse palavras. Nesses experimentos, ele abandona qualquer comunicação textual, mostrando assim a capacidade e as possibilidades de comunicação do livro enquanto um objeto, através de seus aspectos materiais. O papel deixa de ser um mero suporte para o texto, passa a comunicar uma mensagem através de seu formato, ritmo e cor.

materialidade explorada enquanto formadora de sentido. Seu trabalho foi pioneiro na área, incentivando o surgimento de mais obras nos anos seguintes até os dias de hoje. Uma vez definido o objetivo da experimentação, Munari analisa o problema encontrado, e afirma o seguinte sobre livros na época:

“Os livros geralmente são feitos com poucos tipos de papel e encadernados de duas ou três maneiras diferentes. O papel é usado como suporte do texto e das ilustrações e não como elemento para comunicar algo. Para pôr à prova as possibilidades de comunicação visual dos materiais de que é feito um livro, devemos experimentar todos os tipos de papel, todos os tipos de formato, encadernações diferentes, recortes, sequência de formas (de folhas), papéis de diferentes matérias, com suas cores naturais e suas texturas”. (MUNARI, 2002, p. 211)

Ao pesquisar e ler mais sobre a trajetória e trabalho de Munari, a semelhança entre aquilo que eu queria fazer e seus experimentos sensoriais com livros ficou ainda mais evidente. A criação de seus “Livros Ilegíveis” e os “Pré-Livros”² muito me inspiraram para o desenvolvimento desse exercício. Segundo Munari, seus livrinhos *“devem dar a impressão de que os livros são objetos assim, com muitas surpresas dentro. A cultura é feita de surpresas, isto é, daquilo que antes não se sabia, e é preciso estarmos prontos a recebê-las, em vez de rejeitá-las com medo de que o castelo que construímos desabe (...)”* (MUNARI, 2002, p. 226).

Em um primeiro momento, essa conversa entre nossos experimentos não foi consciente - mas com um pouco mais de reflexão e elaboração das ideias isto me saltou aos olhos. Quanta alegria senti ao me deparar com o relato de experiência do próprio Munari a respeito da elaboração desses livros e a explicação do quanto foram fundamentais para sua obra futura. Passei a entender um pouco mais sobre o processo pelo qual eu mesma passei, e tendo esse embasamento teórico fiquei mais confiante para prosseguir com minha proposta.

3.2. Experimentos durante a disciplina

Como disse anteriormente, no primeiro exercício não me foquei em fazer uma narrativa única. O que fiz foi pensar em maneiras divertidas de usar o papel, ver o que eles causavam em mim e o que me indicavam e inspiravam fazer com eles. O produto final

² “Os Pré-Livros” (I Prelibri, em italiano) são um conjunto de 12 livros de pequenas dimensões que se propõe a proporcionar às crianças pequenas que ainda não sabem ler e escrever um primeiro contato com o mundo literário que desperte nelas a curiosidade através de estímulos visuais, sonoros, táteis e materiais neles contidos. O conjunto foi publicado pela primeira vez em 1980, por Bruno Danese.

da minha experimentação na disciplina foram diversas “brincadeiras” compiladas em um volume único que será analisado neste tópico.

3.2.1. *Série 1: abertura*



fig. 1 página de abertura n. 1



fig. 2 detalhe da página de abertura n. 1

Comecei o livro com uma página de abertura, pensei em diferentes maneiras de abrir coisas. Me veio à mente a imagem de um cadarço, de pontos de costura sendo desfeitos - e fiz então a junção de uma folha utilizando linha e agulha, finalizando com um nó para manter as duas partes juntas. Deixei uma certa “folga” na tensão utilizada na costura para que ainda ficasse evidente que as peças são individuais e apenas presas pelo fio vermelho.



fig. 3 página de abertura n. 2

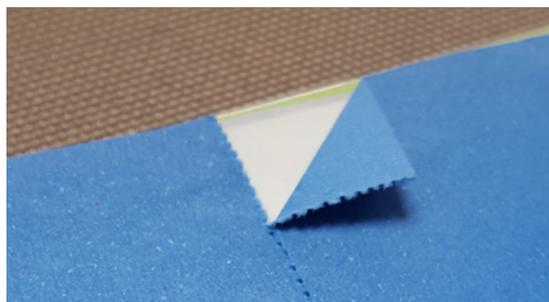


fig. 4 detalhe da página de abertura n. 2

Continuei pensando em aberturas e, como não havia preocupação em formar uma narrativa ligada à página anterior, pensei no recurso do destaque (picote), muito utilizado em ingressos para shows. Destaquei somente um pouco do picote e deixei uma orelha dobrada no centro da folha, indicando assim como funciona o mecanismo. Foi curioso ver as pessoas passando os dedos nos furinhos (feitos à mão com agulha) tentando entender como aquilo foi feito, durante a exposição dos trabalhos em aula.

3.2.2. Viagem



fig. 5 sobreposição de páginas com mapa



fig.6 detalhe da costura

Ainda com a linha de costura, fiz uma trajetória que indica um percurso a ser feito entre os continentes. A linha tracejada evoca em minha memória a imagem de um mapa do tesouro, me inspirando a desenvolver um mapa. Durante a escola, era muito comum termos como lição copiar mapas com papel vegetal, para fixarmos o posicionamento dos lugares no mundo. Essa lembrança me fez querer utilizar esse tipo de papel, que conseguiria deixar visível a trajetória em linha por baixo, em outra folha.

3.2.3. Chuva



fig. 7 página com detalhes em feltro, linha e papel



fig. 8 detalhe da textura do feltro

Junto às linhas havia pedaços de feltro em uma caixa em casa, material macio de aparência felpuda, que me instigou a pensar o que poderia ser feito utilizando aquilo. Com uma amostra de cor cinza em mãos, decidi fazer uma nuvem de chuva, me deixando levar pela sua cor. O material, mais uma vez, me conduziu a chegar em determinadas decisões. Para as gotas de chuva, para dar o efeito de estarem saindo da nuvem e caindo liguei-as com fio de costura fino, dando a impressão de queda ao segurarmos o livro perpendicularmente ao chão.

3.2.4. Matagal

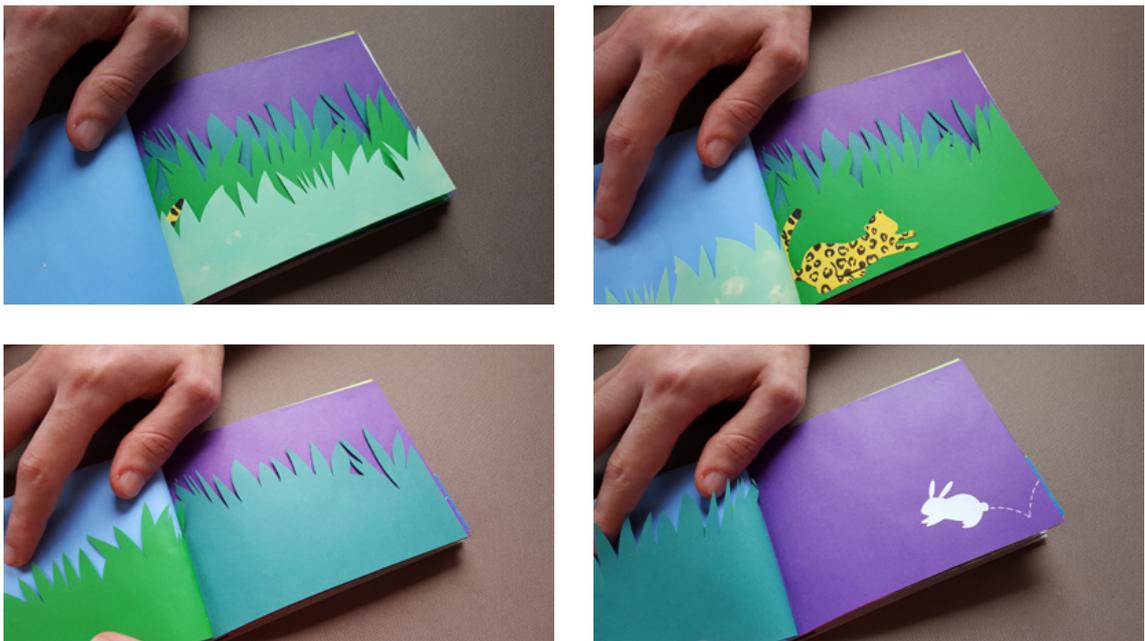


fig. 9 páginas da sequência “Matagal”

Utilizando papéis verdes de diferentes tonalidades, cortei camadas de folhas que aparentassem um matagal alto que poderia esconder surpresas entre as plantas. Já no início vemos algo no canto esquerdo, um elemento amarelo e preto: sabemos que na próxima virada de lâmina algo nos aguarda. Nos deparamos com uma onça na camada do meio de plantas, ao virá-la vemos somente a camada mais escura de verde. No entanto, ao virarmos essa última camada vemos o que o felino estava caçando: um saltitante coelho branco!

3.2.5. Série: explorando com os dedos



fig. 10 página com círculos feitos com agulha



fig. 11 detalhe das perfurações

No início desse exercício, utilizei a agulha para fazer furinhos que funcionassem como um picote para destacar a folha na metade. Do lado oposto ao que espetei a agulha, o papel ficou em alto relevo deixando uma textura alta interessante ao toque. Me lembrou levemente a escrita em braille, o que me despertou a curiosidade em testar o tato utilizando o papel e instrumentos para amassá-lo/perfurá-lo.

Utilizando uma moeda, fiz diversos círculos no papel com a ponta da agulha. A cor vermelha do papel foi escolhida pois fica fácil enxergar a sombra do relevo formado pelas perfurações, estimulando também o sentido da visão. A imagem criada é algo abstrato, formada somente por círculos, focando no aspecto tátil da experiência. Os círculos se sobrepõem, se tocam, criando assim pontos de encontro a serem descobertos pelos dedos que os percorrem.



fig. 12 página com textura formada com ponta seca



fig. 13 detalhe do relevo formado no papel

Pensando no verso de uma folha de papel quando escrevemos com muita pressão: o papel fica prensado deixando transparecer a escrita na sua parte da frente. Quando usamos um apoio macio, esse relevo fica ainda mais evidente, então utilizei uma placa de EVA para amortecer o movimento e permitir o registro do caminho que a caneta deixa na superfície das folhas seguintes. Nessa página, podemos percorrer com os dedos o caminho sugerido pelas marcas, fazendo ondas e zigue zagues, estimulando uma sensação de toque diferente do exemplo dos círculos. Esse traçado foi feito sem tirar o lápis do papel, sendo contínuo e orgânico, não remetendo a nenhum contorno específico. A cor clara consegue deixar evidente visualmente que algo está acontecendo na folha por conta da sombra suave que se projeta no papel.



fig. 14 página com textura formada com régua



fig. 15 detalhe do relevo formado no papel

O mesmo processo ocorreu com a utilização de régua, para nesse caso haver alguma “organização” entre as linhas. Foram realizados vincos de maneira ordenada em diversas direções, sendo alternados após certa repetição. É possível encontrar na folha diversos pedaços com linhas paralelas, que ao encontrar retas em diferentes posições mudam de sentido.

Apesar de não ter havido nenhuma intenção em realizar algo realista ou que remetesse à realidade nessa página, é possível lembrar de um terreno preparado para a plantação de algum produto vegetal. Isso ficou na minha cabeça, quem sabe para utilizar posteriormente em alguma narrativa sobre esse tema.

3.2.6. *Oceano*



fig. 16 página com textura formada com régua



fig. 17 página com textura formada com régua

Em seguida, foi criada uma pequena brecha para o oceano. Com a utilização de papel azul e papel vegetal, foi possível criar a ilusão de que águas em diversas camadas escondem diferentes habitantes, que podem ser vistos através da transparência do papel. Essa diferença de tonalidade dá noção de profundidade, a sensação de que estamos entrando no mar.

Os papéis foram rasgados ao invés de recortados pois o efeito obtido remete às ondas chegando à praia e também à sua irregularidade. Essa conclusão foi achada ao acaso, quando rasguei de maneira não intencional o papel azul. Achei que essa coincidência foi muito bem vinda, então mantive no livro e explorei esse recurso.

Descobri também que é difícil colar papéis laminados em outros suportes, já que sua superfície é muito lisa e pouco aderente. No entanto, como eu queria um grande contraste entre o fundo (papel comum) e os animais marinhos, utilizei esse tipo de material laminado para obter o efeito que desejava. Outra consideração é a fragilidade do papel vegetal, que deve ser manipulado com cuidado pois ele fica ondulado ao secar a cola.

3.2.7. *Lá fora*

Utilizando a última folha da série anterior - de papel kraft, remetendo à areia da praia, utilizei a parte escondida pelo mar da página anterior para esconder uma janela. O que será que poderia haver do lado de fora? Essa janela quebra a realidade estabelecida pela série do mar, levando-nos para longe: para o espaço.

Pela janela podemos ver que é noite, e a lua prateada brilha magistralmente no céu. Podemos observar algumas estrelas ao seu redor e também notar a sua textura. Quando mudamos de página, somos levados de fato para o espaço (não estamos dentro de

nenhum ambiente que contenha paredes e janelas). Vemos novos elementos, desenhados em branco sobre acetato - material que permite total transparência sobre o papel preto estrelado. Esses elementos fazem parte do que espera-se encontrar no espaço: satélites, foguetes, estrelas, astronautas, planetas e... naves alienígenas?

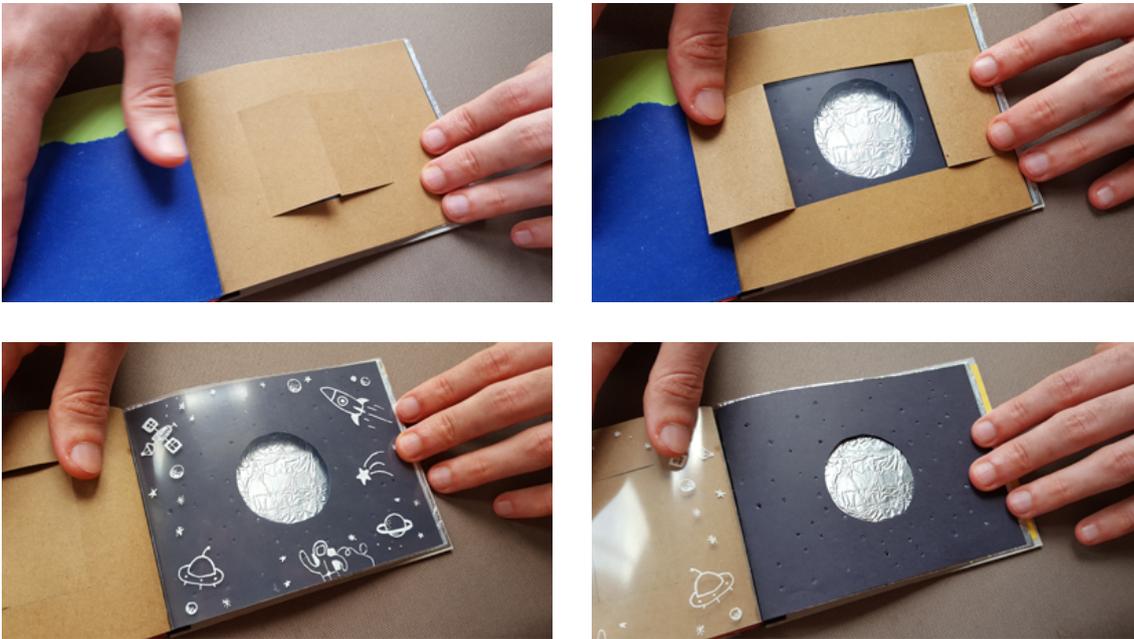


fig. 18 páginas da sequência “Lá fora”

Ao virarmos a página de acetato, nos distanciamos cada vez mais de onde estávamos e podemos apreciar a lua brilhante no céu e as estrelas. Quando analisadas de perto, podemos ver que foram feitas perfurando-se o papel preto, permitindo que brilhem por baixo na lâmina seguinte. Ao virarmos para a última página, chegamos à lua, que é feita de papel alumínio amassado, remetendo seu aspecto visual. Quando fiz essa peça, comecei pela lua, pois ao pensar em utilizar papel alumínio a imagem que me veio mais forte à mente foi a da superfície da Lua.



fig. 19 detalhe: estrelas feitas com perfurações



fig. 20 detalhe: textura da Lua

4. DEFINIÇÃO DO TEMA DO TRABALHO

Embora soubesse que ao final do curso deveríamos fazer um trabalho para sua conclusão, passei alguns meses sem pensar seriamente sobre o assunto até que ele veio à tona conforme as aulas foram acabando. No momento em que fui informada que esse trabalho não precisaria ser necessariamente um artigo, fui tomada pela vontade de repetir a experiência que tive durante a disciplina sobre o livro como objeto. A possibilidade de fazer um relato de experiência significava a oportunidade de executar um trabalho prático, coisa que desejei desde que havia entrado no curso. Também passou pela minha cabeça a ideia de fazer um trabalho que envolvesse a criação de uma narrativa mais complexa, e isso ficou no fundo da minha mente para, quem sabe, ser explorada posteriormente.

Ainda sem um objetivo completamente claro, passei a experimentar novamente com o papel e ver o que ele me induzia a fazer. Tentei começar algumas vezes já com algum pré-projeto pronto, mas não obtive sucesso. Então decidi que o melhor a fazer seria deixar a criatividade fluir sem amarras.

4.1. Experimento: olhar

Sobre minha mesa de trabalho havia um pequeno bloco de papéis coloridos para anotar recados, e por brincadeira resolvi mexer com eles para tentar fazer algo. Seu formato reduzido (8x8cm) despertou em mim a necessidade de representar algo pequeno. A materialidade daquilo que está sendo trabalhado, muitas vezes, acaba inspirando o autor a abordar determinado tema. O mesmo pode acontecer com cores, que remetem a determinadas sensações, ou até mesmo a textura do papel pode evocar memórias a serem transmitidas ao leitor. A autora Suzy Lee afirma no livro “A trilogia da margem” (2012) que o formato do livro “Espelho” a ajudou a criar a continuação de sua trilogia. Se o espelho era um livro comprido vertical, remetendo o formato de um grande espelho, ao colocar o livro deitado, “*o horizonte do mar surgiu imediatamente*”, criando o livro ‘Onda’”. (LEE, 2002 p.45)

Retirei do bloco um exemplar de cada cor (quatro ao todo) e examinei a justaposição deles. As cores são contrastantes entre si, e apesar de serem difíceis de serem encontradas dessa forma na natureza, a cor “laranja”, embora bem chamativa, me remeteu a um tom de pele branca. A partir disso, soube que estaria lidando com a representação de uma pessoa - mas não sabia ainda o quê.

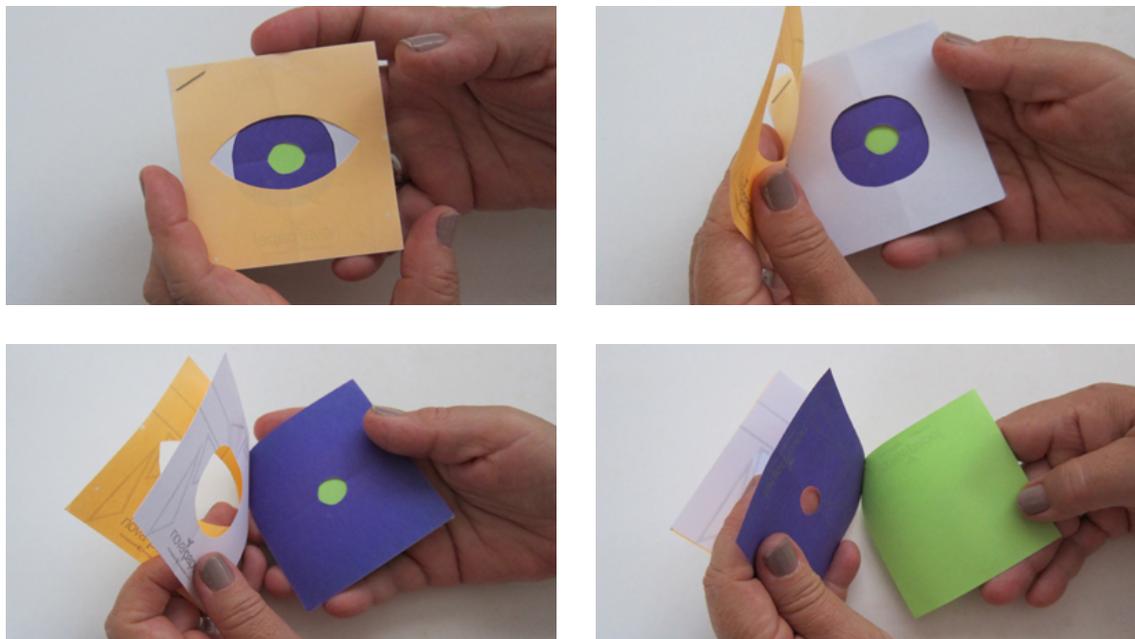


fig. 21 páginas da sequência “olhar”

Por ter justaposto as cores, pensei que seria interessante fazer recortes internos nessas folhas que deixassem somente um pouco da próxima página (e, conseqüentemente, cor) aparente. Me deu a impressão de que eu estaria mergulhando em algo - e então cortei uma forma que seria o contorno externo de um olho. A partir daí fui “desmembrando” os elementos desse olhar: a esclerótica, a íris, a pupila e, por fim, o interior do globo ocular.

4.2. Experimento: série lã

Ainda com dificuldade para progredir no trabalho, decidi que mexeria com algum material diferente do papel, mesmo se isso não fosse levar a um resultado final - para mim serviria o processo, como forma de me ajudar a progredir. Com isso em mente, pensei na interação entre o papel e a linha de costura, que possui sua própria materialidade. Gostaria de saber quais as possibilidades que eu poderia encontrar na junção/ interação desses dois materiais.

Cortei alguns papéis e dobrei-os ao meio (para que remetesse o formato de páginas final de um livro códice) para pensar como explorar o espaço criado com o vinco no meio. A lã que usei foi quase que acidental, pois eu não estava com minhas próprias

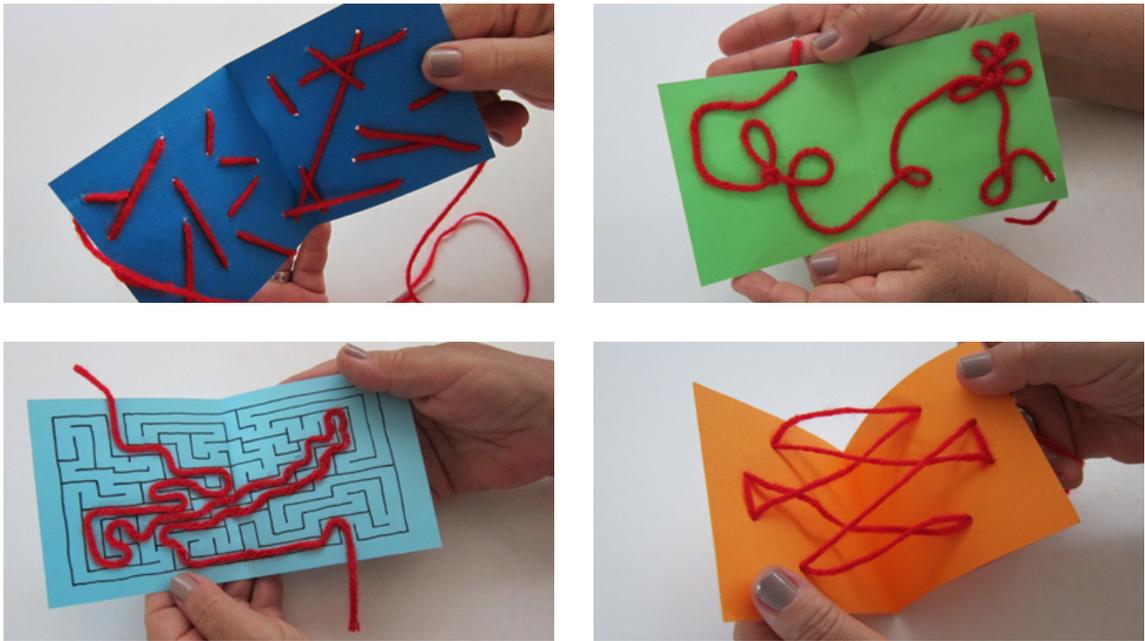


fig. 22 experimentos da série “lã”

lãs à disposição, então pedi à vizinha que me doasse algum resto de novelo que ela tivesse. No final, fiquei muito satisfeita com a lã, pois possui bastante peso e grossura, destacando-se bastante na página, independentemente da cor do papel no qual estaria justaposta.

Na primeira tentativa, a página dupla é perfurada e a lã surge dos dois lados do material. Nesse exemplo, furei primeiro o papel de maneira aleatória e somente depois fui passando a linha de um furo para o outro, formando diversos segmentos de reta separados uns dos outros.

No exemplo de fundo verde-claro, a tentativa foi de colocar a lã fazendo voltas e nós, simulando o que acontece com ela durante seu uso. Neste caso somente coleí a lã por cima com cola, fazendo desenhos e nós conforme convinha visualmente, então talvez por isso tenha ficado, na minha opinião, controlado demais, com uma aparência “organizada” demais. Mesmo assim, valeu para ver o grau de dificuldade para manipular a lã com o uso da cola - o que se mostrou um desafio, já que os fios que compõem a lã grudam na cola e não se comportam da maneira que eu esperava.

Outro experimento feito foi fazer o fio percorrer um labirinto desenhado na folha. O que inspirou a peça foi o fato de eu ter em mãos um pequeno novelo de lã vermelha como o que Ariadne, da mitologia grega, usou para auxiliar Teseu a sair do labirinto do Minotauro. Com um modelo impresso, passei o traço para a folha apropriada e coleí o fio de lã fazendo o caminho correto para sair do desafio. Essa primeira tentativa mostrou que o material lã é difícil de manipular com precisão, sendo necessário um labirinto em maior escala para que seja possível percorrer o percurso respeitando o desenho, caso fosse necessário.

O último exemplar dessa série foi utilizar a lã como na brincadeira “cama de gato”, que consiste em enrolar a lã entre os próprios dedos para que a outra pessoa no jogo “enrosque” seus dedos e transfira o emaranhado para eles. Esse foi um dos meus resultados favoritos, pois conseguiu explorar a tridimensionalidade do espaço criado com as páginas entreabertas, dando ideia para quem sabe a utilização deste recurso no futuro.

4.3. Experimento: acariciando o gatinho

Neste experimento quis mexer tanto com a visão quanto o tato. Uma silhueta de gato recortada no centro de uma folha deixa visível o conteúdo da página seguinte. Podemos ver fios de lã cinza e entendemos que o pêlo do animal está sendo representado. Ao passarmos os dedos podemos sentir o material felpudo e macio.

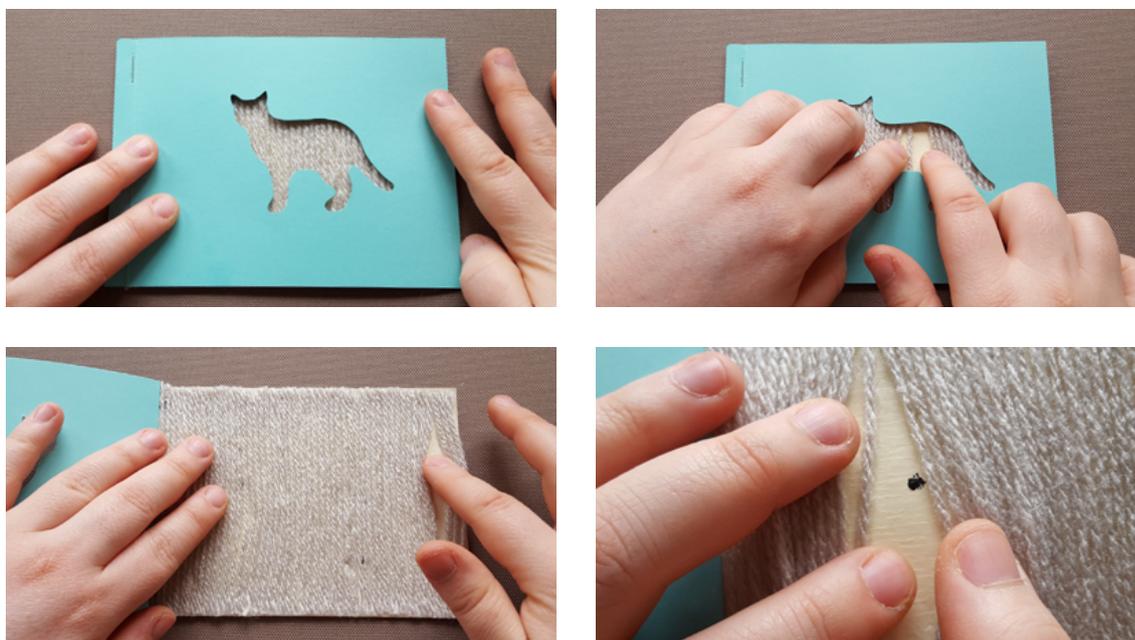


fig. 23 experimentos da série “lã”

Ao explorar com os dedos os fios de lã, podemos perceber que há algo por trás deles. Com o tato podemos sentir onde estão algumas protuberâncias na superfície do papel na qual os fios estão presos e olhando vemos através da lã pontinhos pretos. Ao afastarmos os fios, descobrimos que se trata de pulgas.

Este experimento quase entrou como final do livro (explicado a seguir), pois eu gostaria que o tom final do trabalho fosse algo lúdico. No entanto, após muita análise, retirei-o da obra para que esta tivesse uma história que fizesse mais sentido, e poderei, quem sabe, explorar essa ideia em trabalhos futuros.

5. EXPERIMENTO FINAL: FOLHAS

Ao fazer os exercícios iniciais - tanto durante a disciplina quanto no início do projeto de TCC - não havia a intenção e nem o compromisso de existir ligação entre os diferentes segmentos criados. A exploração com o fio de lã nada tem, a princípio, a ver com o experimento do olhar, por exemplo. O segmento onde há a exploração da água do mar não se interliga com a janela na qual podemos ver a Lua, e assim por diante.

Ao desenvolver os últimos estudos, passei a considerar a utilização desses recursos em uma narrativa linear na qual fosse possível ver a ligação entre as diferentes páginas. O tema seria único, e a transição e o andar da história contada poderia ser auxiliado pela exploração das propriedades materiais e visuais do papel.

Nesse ponto do processo já estava mais forte em mim o desejo de fazer um livro, independentemente do seu tamanho e complexidade. Gostaria que fosse uma obra pensada em sua totalidade, levando em consideração seu aspecto material no desenrolar da narrativa que ali fosse criada. Após todas essas experimentações com os diferentes tipos de papel, pensei ser parte essencial desse projeto a interdependência do suporte (o objeto livro em si) e a história contada. Isso faz com que esse produto criado se encaixe na categoria de “livro-objeto”.

Segundo Julio Plaza (1938-2003), no livro-objeto a estrutura espaço-temporal do livro é levada em consideração no desenvolvimento da obra (PLAZA, 1982). Nascido na Espanha, Plaza foi professor, pesquisador, artista intermídia e escritor, contribuindo no campo das artes com a exploração da semântica da imagem e do livro de artista, entre muitas outras realizações.

Uma das questões levantadas na disciplina e durante todo o processo desse trabalho foi: “o que é um livro?”. Parece ser uma pergunta básica, mas ao tentar traduzir em palavras o que temos em mente sobre o que é um livro parece nos faltar conceitos e diretrizes para responder esse questionamento. Ora definimos o livro segundo o crité-

rio literário do conteúdo que ele contém, ora abordamos o seu aspecto material, o fato de conter páginas, capa... Esse é um assunto que, sem dúvida, nos dá muitos insumos para pesquisa e discussão, mas neste trabalho serão somente tratadas noções do que é um livro enquanto objeto.

O que é um livro, afinal de contas? Utilizando a definição de livro de Plaza, temos: “O livro é um volume no espaço. Livro é uma seqüência de espaços (planos) em que cada um é percebido como um momento diferente. O livro é portanto, uma seqüência de momentos” (PLAZA,1982). Para ele, os livros são matrizes de sensibilidade, e que o ato de criá-los “implica em determinar relações com outros códigos e sobretudo apela para uma leitura cinestésica com o leitor(...)”.

Não se pode ignorar o aspecto material - seja ele visual, tátil, sonoro - do objeto livro e o que isso pode trazer para a comunicação de seu conteúdo. No livro-objeto, a forma em que a informação é apresentada faz parte do próprio conteúdo, sendo impossível dissociar os dois elementos.

Em sua obra “ A Trilogia da Margem”, Suzy Lee faz a seguinte observação a respeito do autor do livro pensar em todos seus aspectos durante sua concepção:

(...) o livro não só se torna um receptáculo para informações, mas uma expressão artística significativa em si mesmo. Com a sintonia fina do artista, a forma começa a gerar significados e a história se aviva. O formato do livro se torna o conteúdo potencial. (LEE, 2012)

Nos experimentos iniciais, explorei a ideia de percurso e de imersão em ambientes - e, mais uma vez, é impossível não ver a semelhança entre esse meu exercício e os livros “Na noite escura” (publicada em italiano originalmente em 1956) e “Nella nebbia di Milano” (1968). No primeiro, Munari nos convida a explorar a noite escura ao folhear suas páginas, em busca de um ponto brilhante amarelo no céu. Durante o percurso, atravessamos com suas personagens uma gruta e vegetação alta. Essa experiência ocorre toda através da utilização de papéis especiais (aqueles que são pouco utilizados na produção por serem mais raros e caros do que os empregados em escala industrial de livros) - como, por exemplo, o uso de papel vegetal com impressão de plantas verdes em serigrafia para dar profundidade à imagem; conforme o leitor passa as páginas, encontra elementos escondidos pela impressão.

No livro “Nella nebbia di Milano”, Munari utiliza novamente o recurso de empregar o papel vegetal para acrescentar ao trabalho profundidade, dessa vez para desbravar o trânsito de Milão através da neblina insinuada pela transparência opaca de seu papel. Ao folhear as páginas, o leitor atravessa o trânsito ao lado dos carros até encontrar escondido pela neblina um grande circo colorido, onde a narrativa continua a se desenrolar.

Outro livro que me despertou interesse em ter esse tipo de experiência de narrar uma história única foi o “Blue to Blue” (Azul ao Azul, em tradução livre), de Katsumi Komagata (1953), designer gráfico japonês que passou a trabalhar com livros infantis após o nascimento de sua filha, criando a editora One Stroke. Neste livro, Komagata descreve a vida ao redor de um rio, e a jornada desde o nascimento de seus habitantes utilizando o papel para transmitir a delicadeza e equilíbrio dessa jornada. Com o auxílio de suas características materiais - como espessura, textura, cor e através de recortes (facas especiais), o artista introduz suas personagens entre as camadas de água representadas pelas páginas da obra.

Ao iniciar a narrativa do último experimento, não tinha em mente nenhuma espécie de história específica para desenvolver. Tinha uma vaga ideia de que gostaria de explorar a noção de espaço e percurso - como havia feito em algumas partes na fase de exploração anterior - mas além disso não havia nada me direcionando a uma determinada temática no começo do processo. Eventualmente, olhando meus próprios materiais, comecei a ter ideias para o livro.



fig. 24 capa do livro

5.1. Percurso: dentro do livro

5.1.1. *Através da mata*

Ao analisar os papéis que eu tinha à disposição nos meus próprios materiais artísticos, me deparei com papéis de diferentes texturas. O que me levou a começar uma narrativa na floresta foram os dois papéis verdes que possuíam fibras vegetais, e isso me induziu a experimentar algo que houvesse a presença de mato. Escolhi esses os dois tons (um mais escuro do que o outro) não só para causar a noção espacial, mas também para mostrar diversidade da flora.

A sobreposição de papéis com diferentes recortes e tamanhos causa um dinamismo e a noção de profundidade, o leitor sabe que ao folhear as páginas ele está avançando no espaço, entrando cada vez mais no ambiente proposto pela narrativa

No exercício desenvolvido durante a disciplina também explorei a temática da floresta, mas dessa vez quis estender o percurso para além da vegetação. Pensei como seria a transição entre mata e cidade, e nisso cheguei à ideia do desmatamento.

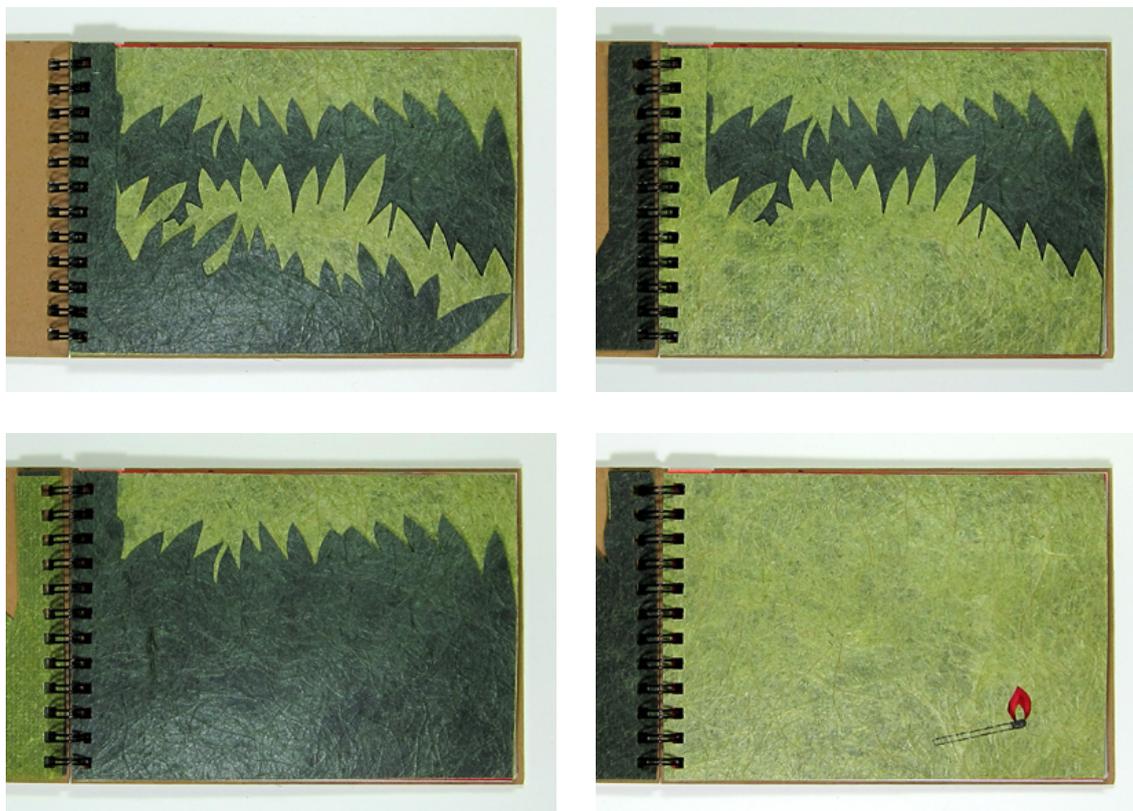


fig. 25 sequência inicial do livro “Folhas”, dentro da mata

Na última página verde virada é possível ver no canto inferior direito uma pequena chama através de um corte na sua forma nesse papel verde. Ao lado desse recorte está um desenho em traço preto de um palito de fósforo. O recorte na página nos permite enxergar através dela o que está por vir, em cor vermelha. Sabemos então que algo está para acontecer após esta última página verde, utilizando a qualidade do formato códice (páginas encadeadas em sequência) para esconder informações a serem reveladas ao folhear as páginas. Este recurso serve também para instigar o leitor a virar a página, revelar seu mistério.

5.1.2. *Queimada*

O leitor é guiado através da vegetação verde até um incêndio - que foi representado com papel manteiga, pois seu barulho ao ser manuseado e amassado lembrou-me daquele feito do estalar de madeira/folhas queimando no fogo. Suas diversas camadas servem para representar a dimensão e o movimento das chamas, e é como se o leitor de alguma forma passasse através delas para continuar seu rumo. Três folhas inteiras coloridas de tons de vermelho vivo até vinho são posicionadas após as folhas de papel manteiga para indicar que estamos no ponto mais quente do incidente e que em seguida começa a apagar.



fig. 26 seqüência da queimada na mata

Saindo das chamas, encontramos diversas folhas de papel vegetal que não nos permitem ver claramente através devido sua sobreposição. Conseguimos ver alguns contornos cinzas das páginas seguintes desse bloco vegetal, e conforme caminhamos rumo ao final da floresta entendemos que isso representa a fumaça que a queimada causou. A transparência do material nos permite ver através dele, mas por ser papel vegetal ele apresenta também certa opacidade, dando o efeito de que algo está no ar e escondendo elementos que podem ser encontrados no meio da fumaça. A gramatura das folhas de papel vegetal vai aumentando conforme nos aproximamos dos resquícios da queimada, insinuando sua intensidade, mas seus formatos vão diminuindo em pequenas nuvens até sumir para termos melhor visão dos elementos posteriores.



fig. 27 sequência da devastação causada pelo incêndio (5 imagens) e detalhe da textura das árvores queimadas

Durante a criação dessa sequência, optei pelo recorte em forma de nuvens de fumaça, pois a partir da experiência de leitura com algumas pessoas, percebi que as folhas inteiras não estavam comunicando a minha ideia ao leitor.

Por último, após atravessar a vegetação, as chamas e a fumaça, encontramos um cenário de galhos e árvores sem folhas em preto, representando a carbonização da mata. Ao passar os dedos por essa página, podemos sentir uma textura extremamente áspera no papel. Foi empregada nessa passagem uma lixa de material de construção para simular o aspecto da madeira carbonizada após sua incineração. A informação tátil sentida ao utilizarmos a lixa durante a narrativa traz consigo a ampliação de significados, simbolismo e imersão na cena experimentada pelo leitor.

5.1.3. Construção

Atrás da lâmina com os troncos queimados, nos deparamos com uma folha de papel kraft com nenhuma informação em desenho ou recorte. Essa visão remete a algo seco, como um deserto, resultado da ação do homem no meio ambiente. Em seguida, vemos novamente o papel kraft, só que desta vez há alguns recortes retos e precisos na borda inferior da página. Na parte não recortada, podemos ver desenhadas algumas máquinas, gruas e guindastes utilizados na construção civil. É possível ver também a estrutura de alguns prédios sendo levantados. Tendo todas essas informações analisadas, podemos então inferir que os recortes representam prédios sendo construídos no local onde a vegetação foi retirada. Na página seguinte, há novamente papel vegetal, representando nesse caso a poluição.

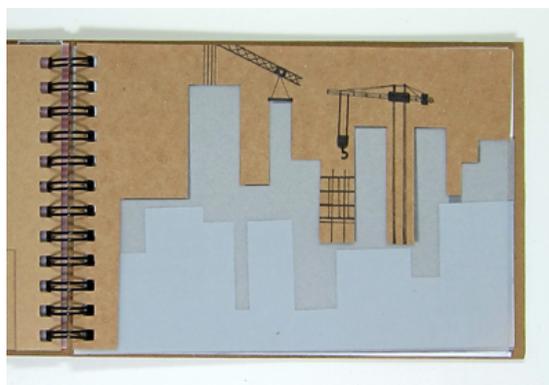
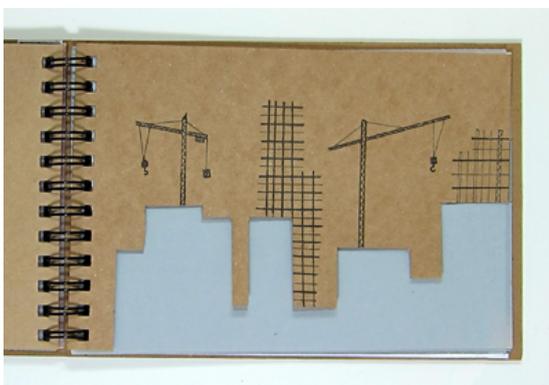


fig. 28 sequência da construção da cidade

O ato de virar as páginas é essencial nesse experimento, pois é com ele que percorremos o espaço e também o tempo na narrativa. Odilon Moraes afirma que a condição do livro como suporte o ofusca como objeto, nos fazendo esquecer de seu aspecto material. Sobre a materialidade do livro e seu papel ao contar uma história, diz:

“No livro, o tempo é transformado em espaço, para ser ordenado. A ordem das páginas, por exemplo, impõe uma ordem aos acontecimentos. Ainda que haja na literatura experiências de negação dessa organização sequencial (...), o livro traz em sua própria configuração e manuseio a sugestão desse encadeamento. (...)”. (MORAES, 2013, pág 161)

5.1.4. Urbanização

Quando pensei na cidade, me veio à cabeça a imagem de um *skyline*, um perfil da cidade, o horizonte urbano tomado por prédios. Para mim foi natural que os papéis que me chamaram mais atenção ao desenvolver essa ideia foram o tons de cinza e preto - remetendo às cores geralmente encontradas no ambiente urbano de São Paulo (a minha cidade). Essa mudança de cores em cada camada de prédios traz consigo a noção de profundidade. Já na primeira página em que aparecem os prédios é possível compreender que não se encontram todos na mesma linha horizontal.

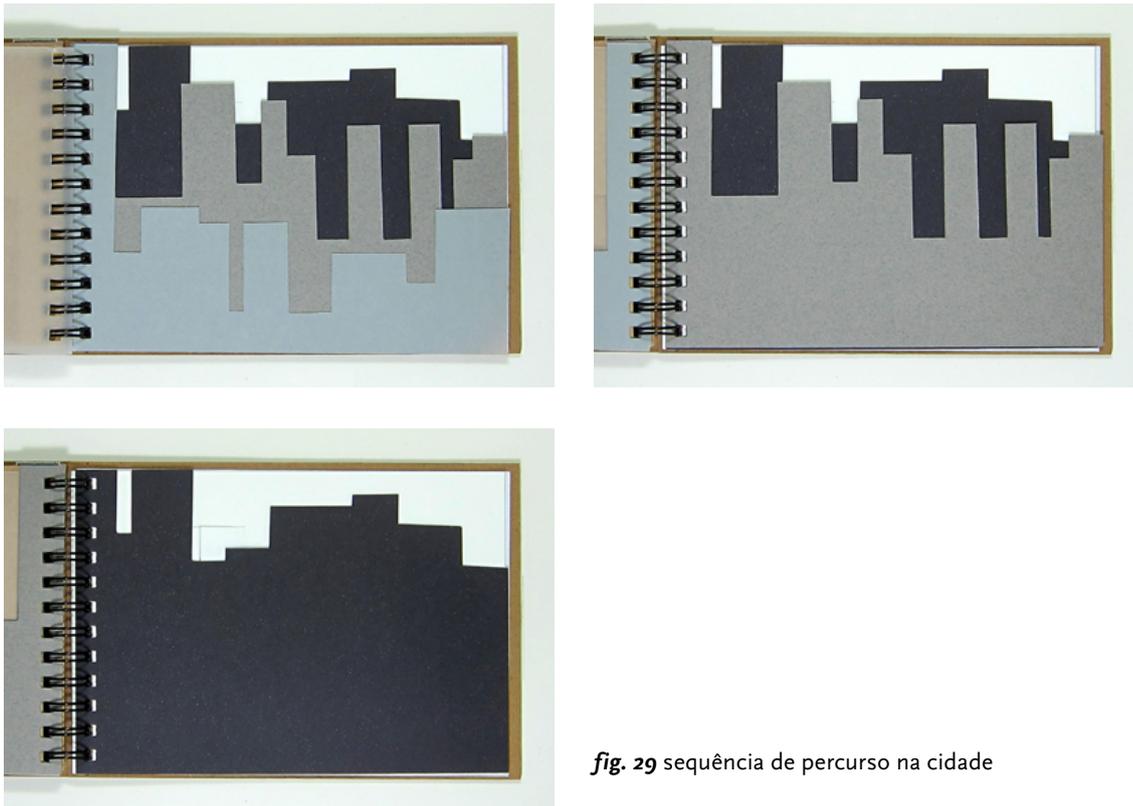


fig. 29 sequência de percurso na cidade

5.1.5. Vizinhaça

Pensei novamente na ideia do percurso, como seria entrar nessa cidade, como se estivéssemos a bordo de um veículo aéreo mas que ainda pudesse descer ao nível dos prédios, das janelas. Dessa vez, pensei nessa jornada vista de cima mas que pudesse focar em um prédio específico - mudando o olhar para algo menor, um zoom. Nessa aproximação, podemos ver as janelas de um prédio e seus moradores, cada um ocupado com sua própria narrativa, embora possamos observar a interação entre elas. A utilização de vinco e dobra convida o leitor a explorar as diferentes janelas, descobrindo nelas diferentes situações e surpresas.



fig. 30 página final da história em diferentes momentos: janelas fechadas (esq) e abertura de uma (dir)

Na última janela no canto inferior direito, podemos observar um homem regando suas plantas. Elas são feitas do mesmo material das primeiras páginas, na floresta. Com esse pequeno detalhe, o ciclo se fecha, da natureza selvagem até a urbanização, mostrando que a vida sempre acha um meio de continuar.



fig. 31 janela inferior direita: final da narrativa

Embora essa narrativa possa ser entendida como uma crítica à urbanização e ao desmatamento desmedido, sua intenção não é ter um caráter didatizante, o foco deste trabalho está na união de todos os aspectos materiais do livro com a narrativa, auxiliando-a e criando novos significados. Sua temática poderia ser outra, e acredito ser possível utilizar estes recursos ao contar qualquer história e podendo torná-la ainda mais rica. A respeito disso, concordo com Sophie Van Der Linden quando afirma em seu livro “Para ler o livro ilustrado”:

“De minha parte, não acredito que a materialidade do livro ilustrado o desvie de seus princípios de funcionamento e, embora possa enriquecer suas possibilidades, é raro que as limite, desde que o suporte tenha sido bem pensado na fase de concepção.” (LINDEN, 2011, p. 51)

5.2. Escolha do nome “Folhas”

O nome do livro foi escolhido após seu término com a ajuda de uma amiga (que também cursou a pós “Livro para a infância”) que me acompanhou durante todo o percurso do trabalho fazendo atendimentos com a professora orientadora desenvolvendo seu próprio projeto.

O nome utilizado acabou sendo, na minha opinião, perfeitamente adequado para o livro, pois ele brinca não somente com o fato de que a história começa e termina com a natureza (plantas), mas também por ser uma síntese do processo em si e a utilização de folhas de papel para conduzir a narrativa criada.

5.3. Sobre a encadernação

A encadernação do exercício prático final só foi completamente decidida na semana em que o trabalho foi finalizado. Desde o começo do processo procurei saber qual o melhor tipo de acabamento que poderia empregar nesse experimento, considerando seus aspectos prático e estético.

Este trabalho possui uma característica bastante limitante quanto ao processo de encadernação: suas folhas são únicas, não havendo a possibilidade então de costura em cadernos, método geralmente utilizado na confecção de livros. Como parte da proposta foi justamente experimentar diferentes tipos de papéis, não era desejável que estes se repetissem espelhados, sendo necessário portanto uma forma de uní-los que comportasse folhas individuais.

As variantes que mais pareciam se adequar às necessidades do projeto eram a encadernação em espiral/wire-o (praticamente similares) ou a encadernação japonesa. Muito pesquisei a respeito de ambas, e através de tutoriais consegui aprender o básico da técnica japonesa - que envolve a utilização de linha e agulha para unir as folhas. Esse tipo de encadernação, embora esteticamente atraente, mostrou-se ineficaz para o projeto. Caso fosse utilizada, sua abertura seria parcial, sendo necessário o uso da força para que as páginas abrissem em um ângulo suficientemente grande para analisá-las. Para que ocorra a imersão e análise do leitor durante o ato de leitura, a obra exige que o livro possa ser completamente aberto. A partir disso, optei pelo emprego do wire-o, já que é imperativo para a leitura da obra que o livro possa ser aberto completamente, transmitindo ao leitor a segurança de que ele não se romperá durante o uso.

5.4. Ficha técnica

Dimensões:

14,8 x 10,5 cm (A6)

Encadernação:

wire-o (preto)

Papéis:

cartão couro (capa)

vegetal

artesanal de fibra de bananeira (duas tonalidades de verde)

manteiga (vermelho e laranja)

kraft

coloridos diversos tipo colorset (vermelho, vinho, bordô, cinza, preto)

canson (branco)

Outros materiais:

lixa em folhas

Grafismos:

caneta nankin preta à prova d'água

carimbo (capa)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero que desenvolver este projeto, além de muito prazeroso, foi muito rico para a minha pesquisa e profissionalmente, uma vez que me fez mais consciente do papel da materialidade no livro ilustrado. Realizar um trabalho que colocou em prática aquilo que estudava simultaneamente me instrumentalizou para o desenvolvimento de futuras narrativas que se relacionam com o livro, visto não somente como suporte, mas como parte integrante da mesma história.

Os questionamentos sobre o que torna um livro de fato um livro continuam comigo, e acredito ser este assunto uma fonte inesgotável de discussões e experimentações. Considero que o trabalho final - bem como os diversos experimentos feitos em seu processo - são instrumentos que suscitam no leitor sensações táteis e visuais, provocando-o com perguntas sobre as possibilidades do livro ilustrado.

A interação com os materiais e suas diferentes propriedades no contexto dos livros ilustrados são capazes de auxiliar os jovens leitores a ingressar no universo dos livros. A criança explora o mundo, portanto explorar também esse mundo literário é uma atividade feita de maneira mais natural do que quando feita pelos adultos. Quem sabe com esse exercício consigamos visitar a nossa própria infância.

Embora sejam confeccionados de maneira artesanal e empreguem materiais considerados especiais (portanto caros diante da realidade nacional), acredito que o contato com leitores seja relevante para instigar neles também novos questionamentos, explorações e abertura às infinitas possibilidades de criação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras consultadas

LEE, Suzy. *A Trilogia da margem: o Livro imagem segundo Suzy Lee*. São Paulo, Cosac Naify, 2012.

LINDEN, S. V. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MORAES, Odilon. O livro como objeto e a literatura infantil in: DERDYK, Edith. *Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas*. São Paulo: Editora Senac, 2013.

MUNARI, Bruno. *Das coisas nascem coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PLAZA, Julio. *O livro como forma de arte (I)*. Revista Arte em São Paulo, São Paulo, n.6, 7 abr., maio 1982.

Websites

Corraini Edizioni:

Sobre Pré-Livros de Bruno Munari, disponível em: http://www.corraini.com/en/catalogo/scheda_libro/31/I-prelibri. Acesso em maio de 2018.

Sobre Livros Ilegíveis de Bruno Munari, disponível em: http://www.corraini.com/en/catalogo/scheda_libro/35/Libro-illeggibile. Acesso em maio de 2018.

Itaú Cultural:

Sobre Julio Plaza, disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa3438/julio-plaza>. Acesso em junho de 2018

L'arte di Bruno Munari <http://www.munart.org>. Acesso em maio de 2018.

Les Trois Ourses :

Sobre Katsumi Komagata, disponível em: <http://lestroisourses.com/artiste/5-katsumi-komagata>. Acesso em junho de 2018.

Livros folheados

KOMAGATA, Katsumi. *Blue to Blue*. Tokyo, One Stroke, 2013.

LEE, Suzy. *Mirror*. Nova York, Seven Footer Kids, 2010.

_____. *Onda*. São Paulo, Cosac Naify, 2008.

_____. *Sombra*. São Paulo, Cosac Naify, 2010.

MUNARI, Bruno. *Libro illeggibile MN1*. Mantova, Corraini, 2011.

_____. *The Circus in the Mist*. Mantova, Corraini, 2012.

_____. *Na noite escura*. São Paulo, Cosac Naify, 2007.

_____. *The Circus in the Mist*. Mantova, Corraini, 2012.